

Jornal Negócios

22-05-2018

Periodicidade: Diário

Classe: Economia/Negócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 18239

Temática: Diversos

Dimensão: 5024 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/4 a 7

20 anos depois

A história dos edifícios
que marcaram a Expo

PRIMEIRA LINHA 4 a 7

Plano Colado

PRIMEIRA LINHA PARQUE DAS NAÇÕES

Expo 98

20 anos depois

A zona oriental de Lisboa mudou com a Expo 98, mas a cidade ainda não está ligada. E 20 anos depois da exposição dos mares e oceanos há ainda questões por resolver, até porque o Governo de Passos Coelho decidiu extinguir a Parque Expo.

ALEXANDRA MACHADO amachado@negocios.pt

A extinção da Parque Expo, decretada em 2011 por Assunção Cristas, à data ministra do Ambiente, tem vindo a demorar. E só agora foi decidida a transmissão do património ainda existente da Parque Expo para o Estado, assim como a entidade que sucede à empresa pública no que ainda estiver por resolver.

Em vésperas de se comemorarem os 20 anos da abertura da Expo 98, o Conselho de Ministros aprovou, de uma assentada, essa transferência do património, bem como a requalificação do Pavilhão de Portu-

Gare do Oriente

A estação irreverente construída para dar vida à cidade

Mais de 150 mil pessoas, 200 comboios, 160 composições de metro, duas centenas de autocarros com destino a 27 países, 600 táxis e 2.200 automóveis particulares. Este é o movimento diário que tem hoje a Estação do Oriente, um dos projectos-âncora da Expo 98, evento que arrancava precisamente há 20 anos.

Santiago Calatrava desenhou uma estação com o objectivo de gerar vida para a cidade. E conseguiu-o, criando uma gare que tem muito mais do que transportes, que alterou a mobilidade em Lisboa. Uma estação pós-moderna, espartana, mas com tudo de irreverente, classifica António Laranjo, que em 1998 era administrador da Gare Intermodal de Lisboa (GIL) e hoje preside à Infraestruturas de Portugal, proprietária daquela que é a principal estação do país em passageiros, que custa quase 200 mil euros por mês em manutenção. A Gare do Oriente foi um dos primeiros projectos a ficar definido na organização da Expo 98. Do concurso de ideias lançado saiu vencedor o projecto de Calatrava. Custou 36 milhões de contos (180 milhões de euros). "Seguramente a escolha não foi pelo preço mais baixo", conta António Laranjo, explicando que o conceito do arquitecto espanhol foi aquele que "conseguiu ir ao encontro das expectativas da própria administração da Expo". A ideia surge quando visita Lisboa, cidade de que era já turista habitual. Do miradouro de São Pedro de Alcântara vê o Castelo de São Jorge e as árvores em redor. "Idealiza uma estação em que as estruturas metálicas que existem na cobertura abrem como árvores com vidro em cima", descreve António Laranjo, explicando que o vidro se destina a assegurar transparência e "dar a ideia de que as pessoas passeiam pelo meio de árvores com a luminosidade do sol". Em baixo cria estruturas que não são pilares verticais, mas formatos que simbolizam as raízes a entrarem na terra. Duas características são distintivas desta obra de arquitectura, que venceu vários prémios. É uma estação sem portas - e muito criticada por isso -

A gare abriu a 19 de Maio de 1998 e custou 180 milhões de euros.

em que o acesso ao seu interior é livre a qualquer hora do dia. Calatrava demarcou esta intenção ao escolher utilizar a calçada portuguesa no piso 0, prolongando os passeios para o interior da estação. Por outro lado, a sua concepção foi condicionada pela existência da linha do Norte que limitou a cota da plataforma ferroviária e que lhe dá

"a característica de ser a única estação ferroviária no mundo em que o piso do átrio e bilheteiras se situa abaixo do piso dos cais". A obra "foi muito difícil e complexa", recorda António Laranjo, explicando que os moldes das estruturas são únicos, o tecto não é plano e cada vidro é diferente. A construção decorreu entre 1995 e 1998 e os trabalhos chegaram a decorrer em três turnos, com um total de mil trabalhadores por dia. Ainda com obras por concluir, foi inaugurada a 19 de Maio de 1998, três dias antes da abertura da Expo 98. Por aquela entrada, chamada Porta do Sol, entraram mais de 50% dos visitantes da exposição mundial. Com o início do seu funcionamento encerraram vários terminais rodoviários do centro de Lisboa.

O metro, que não estava inicialmente previsto, acabou por acoplar-se ao projecto.

Apesar do movimento que já mostra, a estação tem "um potencial enormíssimo para crescer", salienta o presidente da IP, explicando que não é por estar sobredimensionada. "O limite dela não está na estação, está nas oito linhas ferroviárias e na sua capacidade". Feito, mas por agora na gaveta, está o projecto de ampliação para um total de 11 linhas para receber a alta velocidade. Para a IP, a Gare do Oriente é "francamente rentável", gerando resultados anuais de 1,3 milhões. A empresa vai investir nos próximos anos na reabilitação do espaço, melhorando, entre outros, iluminação e casas de banho. ■ MARIA JOÃO BABO

Paulo Calado



António Laranjo, presidente da IP, dona da Gare do Oriente, diz que a estação tem um potencial enorme para crescer.

Periodicidade: Diário

Classe: Economia/Negócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 18239

Temática: Diversos

Dimensão: 5024 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/4 a 7

gal. Foi a 17 de Maio último. Mas o Ministério das Finanças recusa-se a adiantar pormenores sobre os diplomas aprovados, dizendo que não se pronuncia sobre decretos-lei antes da sua publicação em Diário da República. Mas mesmo antes desta aprovação o Negócios tinha questionado o Ministério de Centeno sobre a liquidação da Parque Expo, nomeadamente para perceber as contas finais da liquidação da empresa. Mas o Ministério das Finanças fechou-se em copas.

Conforme a Parpública escreveu no seu relatório referente a 2017, foi requerido pelo Ministério apoio desta sociedade no processo de extinção, mas não é sua a gestão do processo. A Parpública foi, assim, "incumbida de prestar apoio técnico à DGTF [Direcção-Geral do Tesouro e Finanças], a partir de 1 de Junho de 2017, no contexto das atribuições e competências cometidas àquela Direcção-Geral no quadro de gestão dos activos transmitidos para a titularidade directa do Estado na sequência da extinção da sociedade Parque Expo 98". A Parpública remete, por isso, para as Finanças as questões sobre o processo. No último relatório do sector empresarial do Estado em que aparece a Parque Expo, relativo ao primeiro trimestre de 2017,

surge a empresa com uma dívida de 113,6 milhões de euros. A extinção da Parque Expo iniciou-se há vários anos. Houve que negociar a passagem das infra-estruturas para terceiros (públicos ou privados), houve que negociar com as autarquias de Lisboa e Loures a gestão urbana que estava na empresa, tendo ainda havido a necessidade de despedir os trabalhadores da empresa e pagar empréstimos. A deliberação para a transferência da propriedade do património foi tomada em assembleia-geral da Parque Expo em Novembro último. Agora, tudo estará concluído para finalmente a empresa ser definitivamente extinguida.

O investimento da Expo 98 está quantificado em mais de 700 milhões de euros, mas a este valor ainda acresceram infra-estruturas como a Ponte Vasco da Gama, ou ainda a expansão da linha do Metropolitano de Lisboa para o que é agora o Parque das Nações. Uma área de Lisboa que vende, em média, uma casa por 3.200 euros o metro quadrado.

Há mais de 20 anos, a zona oriental tinha contentores e lixo. Estava abandonada e despovoada. Hoje é das zonas mais caras de Lisboa. 20 anos depois. ■

Há mais de 20 anos, a zona oriental tinha contentores e lixo. Estava abandonada e despovoada. Hoje é das zonas mais caras de Lisboa. 20 anos depois. ■

Há mais de 20 anos, a zona oriental tinha contentores e lixo. Estava abandonada e despovoada. Hoje é das zonas mais caras de Lisboa. 20 anos depois. ■

Há mais de 20 anos, a zona oriental tinha contentores e lixo. Estava abandonada e despovoada. Hoje é das zonas mais caras de Lisboa. 20 anos depois. ■

Há mais de 20 anos, a zona oriental tinha contentores e lixo. Estava abandonada e despovoada. Hoje é das zonas mais caras de Lisboa. 20 anos depois. ■

3.200

IMÓVEIS

As casas no Parque das Nações são vendidas, em média, a valer 3.200 euros por cada metro quadrado.

Oceanário

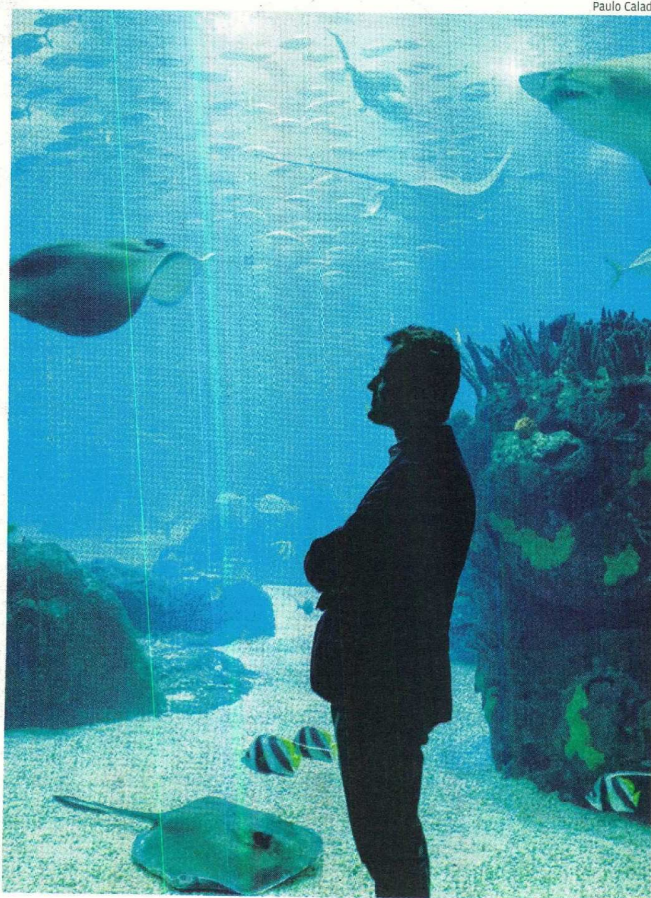
Cuidar dos peixes a pensar na criação de uma geração azul

São já mais de 22 milhões de pessoas que viram os peixes do Oceanário, o aquário que começou a receber espécies seis meses antes da inauguração em Maio de 1998. São hoje cerca de oito mil animais e plantas que estão na "estrela" do Parque das Nações. E não só. O Oceanário é a segunda estrutura mais visitada em Lisboa, só superado pelo Castelo de São Jorge. 27% dos turistas que chegam a Lisboa visitam este aquário. Mas, como revela o CEO do Oceanário, João Falcato, é uma visita de segundo dia. No primeiro, os turistas querem história. Mas o segundo "tem de ser nosso". Falta ao Parque das Nações mais outra grande atracção. Uma atracção que "atraia um milhão. Uma coisa grande", realça o gestor, lembrando que "não nasce nada [no Parque das Nações] desde 1998". E Lisboa ganhava se conseguisse equilibrar mais os fluxos turísticos pelas diferentes áreas.

Além disso, "somos provavelmente um dos aquários do mundo com percentagem de turistas estrangeiros mais elevada". Chega a ser entre 60% e 70%. Do estrangeiro chegam principalmente franceses e brasileiros, e os polacos estão em franco crescimento. Mas também há muitos portugueses. Estes foram mais de meio milhão nos anos de 2015 e 2016, mas agora com o fim do ciclo de atractividade da exposição temporária a chegar a tendência é para cair. Ainda assim, "não há no país nenhum equipamento com tantos portugueses como nós temos", realça ao Negócios João Falcato.

Os números globais estão em crescimento. No total, em 2017, o Oceanário foi visitado por 1,36 milhões de pessoas, o que compara com os 1,143 milhões de 1999, o primeiro ano depois da Expo. E durante a exposição mundial foi o equipamento mais visitado: mais de 3 milhões de pessoas.

"Queremos ter cada vez mais visitantes, continuar a crescer, mas queremos que a satisfação se mantenha", assume João Falcato, lembrando que em 2015 foi considerado o melhor aquário do mundo pelo TripAdvisor. E é assim que pretende continuar a posicionar-se. João Falcato revela ao Negócios que nos últimos dois anos já foi investido na infra-estrutura mais do que



João Falcato, CEO do Oceanário, está há 20 anos no grande aquário e não se cansa.

Só o Castelo de São Jorge tem mais visitantes em Lisboa.

provavelmente nos 10 anos anteriores. Foram 7 milhões de investimento, quando o normal na manutenção - "e já era bom" - era um investimento de 400 a 500 mil euros. Muito mudou com a gestão privada, assume João Falcato. Em 2015, a Sociedade Francisco Manuel dos Santos ganhou a concessão, por 30 anos, do Oceanário, por uma contrapartida de 24 milhões de euros e o pagamento de uma renda anual (cujo valor fixo é de 1,3 milhões e o variável é de 5% sobre a receita). Aliás, estes valores levam João Falcato a garantir que a renda ao Estado é o maior custo anual do Oceanário. Mas há outros. Além dos recursos humanos (actualmente a infra-estrutura tem impacto em 200 pessoas, sendo cerca de 60 os quadros da empresa), há o custo de energia que é muito elevado. E a água? O aquário central comporta 5 milhões de litros de água salgada. Mas é uma água que vai sendo reutilizada e filtrada. "Renovamos cerca de 80% da água do Oceanário todos os anos", revela João Falcato, que deixa, no entanto, o alerta: "Apenas 20% da água é salgada para os aquários." O resto é gasto dos visitantes nas casas de banho, por exemplo.

A limpeza dos aquários é diária. E as equipas começam a trabalhar às 7:30 para tudo estar operacional quando as portas se abrem às 10 horas. Engenharia, biologia, veterinária, químicos. A equipa multidisciplinar garante que o ecossistema está a funcionar. São feitas 250 análises à água por dia. "É uma operação de erro zero. Não pode falhar."

Mas se o aquário é a atracção turística, o objectivo é contribuir para a conservação dos oceanos. E o sonho, agora privado, é o de criar uma geração azul. É por isso que João Falcato até acredita que "o serviço público aumentou". ■ ALEXANDRA MACHADO

PRIMEIRA LINHA **PARQUE DAS NAÇÕES**

**Os números
que ficaram
da Expo 98 que
custou 761 milhões
de euros**

132

DIAS

A Expo 98 durou 132 dias. Arrancou a 22 de Maio de 1998 e terminou a 30 de Setembro de 1998.

10,13

VISITANTES

A Expo teve 10,13 milhões de visitantes. Acresce um total de 2,1 milhões de visitas de pessoas com acreditação.

Pavilhão de Portugal**Abandono com fim à vista**

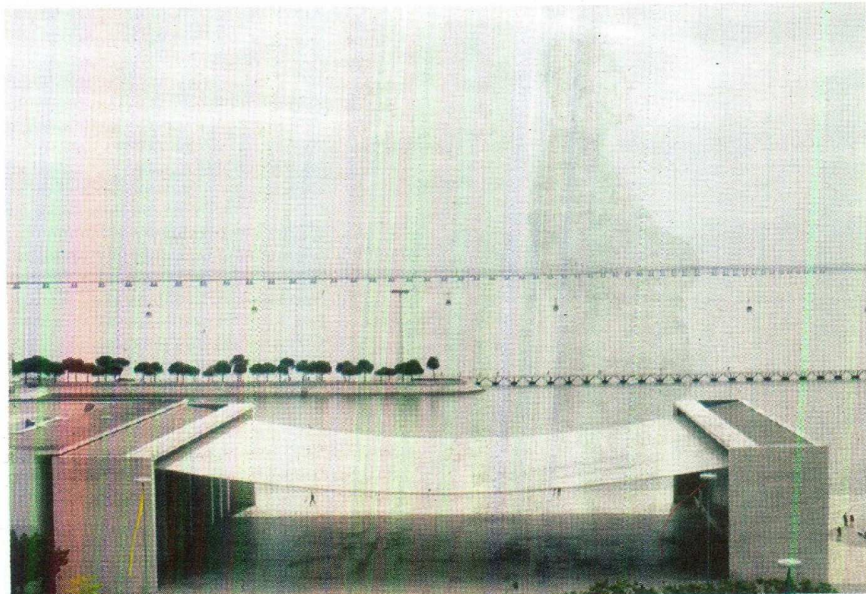
Um dos símbolos mais icónicos da Expo 98, o Pavilhão de Portugal transformou-se num "patinho feio" após o fim do evento. O projecto da autoria de Álvaro Siza Vieira recebeu mais de dois milhões de visitantes durante a Expo e a sua emblemática pala foi um dos motivos mais fotografados. Após o final da Expo, o destino a dar ao edifício foi alvo de uma indefinição que se arrastou por longos anos. Em cima da mesa estiveram, por exemplo, a possibilidade de acolher a sede da Presidência do Conselho de Ministros ou albergar um museu da arquitectura. Agora, o edifício será alvo de um projecto de reabilitação e deverá reabrir ao público no final de 2019 ou início de 2020. Em 2013, Siza Vieira chegou a defender que "a solução mais ló-

gica seria demolir" o Pavilhão de Portugal. "Em vez de se deixar o tempo demolir-lo, ao menos devia tomar-se a iniciativa para demolir e poupar trabalho ao tempo", referiu.

Apenas em 2015, quando já apresentava evidentes sinais de degradação, foi encontrado um destino para o Pavilhão de Portugal, que foi entregue à Universidade de Lisboa (UL) para ser utilizado como um espaço expositivo e para acolher eventos científicos. "O Pavilhão foi recebido pela universidade em adiantado estado de degradação, em resultado de 20 anos de ausência quase completa de manutenção. A complexidade do projecto de reabilitação requereu cuidados excepcionais na elaboração do mesmo, que manterá intacta a identidade estética do edifício", disse ao Negócios o vice-reitor da UL, João Barreiros.

A 17 de Maio, o Conselho de Ministros autorizou a despesa para a empreitada das obras de requalificação. O concurso público internacional lançado este ano deverá permitir o arranque das obras, que têm a duração prevista de um ano, nos primeiros meses de 2019. O projecto de requalificação foi dirigido por Siza Vieira e, segundo a UL, "está perto da conclusão". ■ **PEDRO CURVELO**

**Obras de requalificação
devem arrancar em 2019
e demorar um ano.**



Após o sucesso da Expo 98, o Pavilhão de Portugal fechou portas e sofreu uma forte degradação.

João Cortesão



Torre vai voltar a ter um restaurante em Outubro próximo.

Torre Vasco da Gama**Torre mais alta do
país virou hotel**

Jantar a mais de 140 metros de altura, com vista panorâmica sobre o rio Tejo, era um dos atractivos da Expo 98. O espaço era então concessionado a José Manuel Trigo, dono do T Clube na Quinta do Lago. Depois da feira mundial, o restaurante manteve-se em funcionamento mais uns anos neste edifício com arquitectura de Nick Jacobs e Leonor Janeiro, que procurava fazer uma alusão às antigas naus. Já no novo milénio, o protagonismo da Torre Vasco da Gama virou-se para o hotel que ali nasceu: o Myriad, do grupo Sana. O negócio foi fechado em 1999 em Cannes, quando a Parque Expo apresentou a Nazir Din, presidente do grupo hoteleiro, uma solução complementar à torre. Em Novembro de 2012 abria então portas este hotel de cinco estrelas, com 186 quartos, a que se juntou um centro de congressos ao lado. Entre as nacionalidades que aqui mais ficam alojadas, contam-se franceses, britânicos, alemães, angolanos, americanos e chineses. Naquele que é o edifício mais alto de Portugal, o próximo mês de Outubro trará de volta um restaurante à Torre Vasco da Gama. Vai chamar-se Fifty Seconds e terá assinatura do chef Martin Berasategui, confirmou Carlos Neves, administrador do grupo Sana. Porque são precisamente 50 segundos o tempo de elevador do chão ao topo da torre. ■ **WILSON LEDO**

**Negócio para criação de
hotel ligado à Torre
Vasco da Gama foi
assinado em Cannes.**

Periodicidade: Diário

Classe: Economia/Negócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 18239

Temática: Diversos

Dimensão: 5024 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/4 a 7

146

PAÍSES

Na exposição de 1998 estiveram presentes 146 países e 14 organizações internacionais.

25

BILHETE DIÁRIO

Cada adulto pagou 5.000 escudos (cerca de 25 euros) pelo bilhete diário. As crianças pagavam 50%.

340

ÁREA

A área de intervenção totalizou 340 hectares, com cinco quilómetros de frente ribeirinha.

Pavilhões

Há mais na Expo do que espaços para visitar

Pavilhão Atlântico

Arena dos privados vira-se para empresas

Nasceu como Pavilhão da Utopia. Custo: cerca de 50 milhões de euros. Depois da Expo tornou-se Pavilhão Atlântico. E agora é o Altice Arena, tendo já sido Meo Arena. O nome do patrocinador tomou "conta" do recinto que hoje recebe mais de 760 mil espectadores. Um valor que é quase o dobro das 402 mil pessoas que recebeu em 1999, o primeiro ano após a exposição. Em 20 anos, a Arena recebeu mais de 10 milhões de visitantes em dois mil eventos.

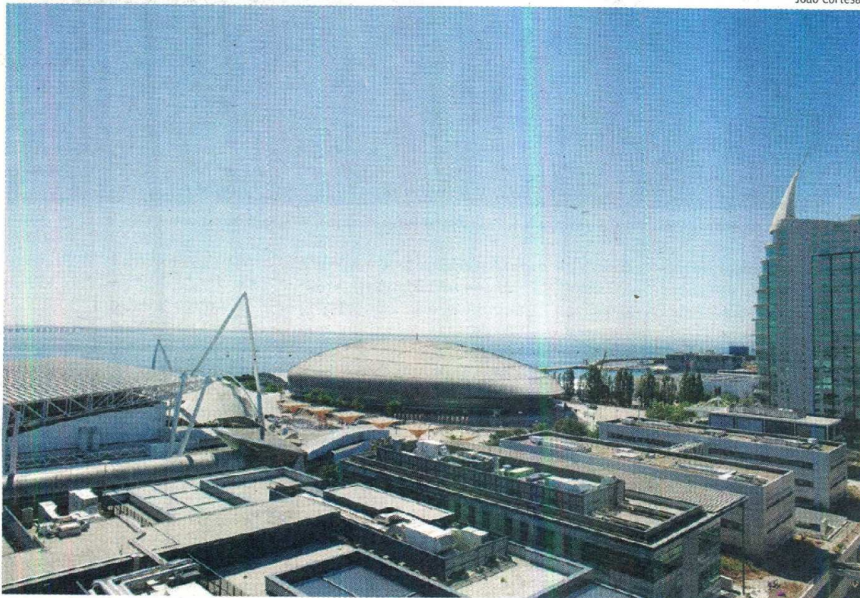
O complexo está actualmente com uma taxa de ocupação que ronda os 80%, o que significa que pode estar a chegar ao limite médio. Mas Jorge Vinha da Silva, presidente da Arena Atlântico - a empresa que em 2012 ganhou o concurso para a compra do Pavilhão Atlântico por 21,2 milhões de euros -, vai lembrando que todos os dias há uma sala vazia. Ou seja, há ainda espaço para crescer. E é isso que a empresa que ficou com esta infra-estrutura quer fazer. "É a que tem mais potencial", declarou recentemente ao Negócios o gestor que está também ele há 20 anos no Pavilhão. É o maior recinto de espectáculos em Portugal. Tem capacidade para 20 mil pessoas. O que o torna numa infra-estrutura única, e, como tal, sem concorrência directa para espectáculos maiores. E, mes-

mo para outro tipo de eventos, já tem de recorrer a "ajuda" externa. No caso recente da Eurovisão, o Pavilhão de Portugal actuou como apoio. Mas também no Web Summit, tem de estender braços para o espaço da FIL (Feira Internacional de Lisboa).

Há 20 anos foi construído como Pavilhão da Utopia, da autoria arquitectónica de Regino Cruz e SOM (Skidmore, Owings and Merrill). Há cinco deixou de ser um espaço público, passou a ser de privados. Mas sempre com resultados positivos, garantiu recentemente ao Negócios Jorge Vinha da Silva que revelou, no entanto, que 2017 tinha sido o melhor ano de sempre: 11 milhões de facturação e EBITDA acima de 3 milhões, colocando os lucros em mais de 1,6 milhões de euros. ■ ALEXANDRA MACHADO

Atlântico recebeu mais de 10 milhões de visitantes em 20 anos.

João Cortesão



O Pavilhão da Utopia, nascido há 20 anos, é hoje o Altice Arena, e de gestão privada.

Há outros espaços que por ocasião da Expo foram considerados emblemáticos e que hoje têm valências variadas. Desde sede de empresas até centro de exposições. Tudo pode ser visto pelo teleférico.

TELEFÉRICO: UM SUCESSO COMERCIAL

O teleférico tornou-se um caso de sucesso comercial, tendo registado lucros logo no primeiro ano de actividade. Em 20 anos, transportou 10,75 milhões de pessoas e fechou 2017 com uma facturação de 2,2 milhões de euros e lucros de 880 mil euros. O crescimento anual de 15% no número de passageiros é destacado pela Telecabine Lisboa, empresa que explora o equipamento.

CASINO DE LISBOA OCUPA FUTURO

Durante a Expo 98 foi o Pavilhão do Futuro. "Abandonado" a Estoril-Sol pegou nele e a 19 de Abril de 2006 nasceu o Casino de Lisboa. A contrapartida inicial que pagou foi de 30 milhões de euros, tendo de pagar anualmente uma comissão em função das receitas brutas do jogo. Ainda que a concessão esteja prevista terminar em 2020, o terreno e o edifício são da propriedade da Estoril-Sol, que os registou por cerca de 16,5 milhões de euros nas suas contas. Em 2017, o Casino de Lisboa lucrou 16,6 milhões de euros, tendo gerado receitas de 83,6 milhões.

MARINA EM TERRA DE NINGUÉM

A marina, com lugar para 400 embarcações, é das estruturas com menos negócio. A concessionária não esteve contactável para fazer o ponto de situação. E poucas são as informações sobre o seu desenvolvimento. Mas à Lusa, o presidente da Associação de Moradores e Comerciantes do Parque das Nações defendeu que, com a extinção da Parque Expo, "a marina está neste momento em terra de ninguém". No último relatório e contas, a marina do Parque das Nações apresentou um volume de negócios de 913 mil euros.

CONHECIMENTO É MUSEU

O Pavilhão do Conhecimento manteve a sua característica. É hoje um museu. Foi, aliás, dos poucos pavilhões que teve logo o seu futuro traçado em 1998. Na exposição, o Pavilhão do Conhecimento dos Mares, de Carrilho da Graça, teve 2,5 milhões de visitantes. E logo em Julho de 1999 reabriu como Pavilhão do Conhecimento - Ciência Viva. Recebe cerca de mil visitantes por dia, e está sob a alçada do Ministério da Educação.

REALIDADE VIRTUAL NA MICROSOFT

Na Expo 98, foi o Pavilhão da Realidade Virtual. Agora é a sede em Lisboa da Microsoft, que se mudou para o espaço em 2012.

PRAÇA SONY É DA FIL

Um dos espaços que mais visitantes reuniu na Expo 98 foi a Praça Sony, uma extensão da FIL (Feira Internacional de Lisboa) que garantiu que os pavilhões que albergaram muitos países serviria para as suas exposições. A Associação Industrial de Portugal pagou, então, mais de 120 milhões à Parque Expo.